

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**GABRIELLE CRISTINE DOS REIS
IASMIN DE OLIVEIRA ESPERANÇA
LUMA LAZARONE LEMOS**

**MEDIDAS NÃO FARMACOLÓGICAS DE ALÍVIO DA DOR EM
CRIANÇAS COM CÂNCER**

**VOLTA REDONDA
2023**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MEDIDAS NÃO FARMACOLÓGICAS DE ALÍVIO DA DOR EM
CRIANÇAS COM CÂNCER**

Trabalho de conclusão de curso ao Curso de Enfermagem do UniFOA como requisito à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Alunos: Gabrielle Cristine dos Reis
Iasmin de Oliveira Esperança
Luma Lazarone Lemos

Orientadora: Prof^a. Msc. Nelita Cristina da Silva Teixeira Pereira

**VOLTA REDONDA
2023**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alunas:

Gabrielle Cristine dos Reis

Lasmin de Oliveira Esperança

Luma Lazarone Lemos

Título:

MEDIDAS NÃO FARMACOLÓGICAS DE ALÍVIO DA DOR EM CRIANÇAS COM
CÂNCER

Orientadora:

Prof.^a Msc. Nelita Cristina da Silva Teixeira Pereira

Banca Examinadora:

Prof.^a Msc. Mariana Emília da Silveira Bittencourt

Prof.^a Msc. Maria de Fátima da Rocha Pinto

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo descrever a atuação da equipe de enfermagem nas medidas não farmacológicas utilizadas para o alívio da dor junto a criança com câncer. Tem como objetivo: - Apontar a atuação da equipe de enfermagem nas medidas não farmacológicas para o alívio da dor junto a criança com câncer. Trata-se de uma Revisão Integrativa de Literatura. Para buscar as evidências, foram utilizados os critérios de inclusão e exclusão, sendo eles: Artigos em língua estrangeira, resumos, o período entre 2013 e 2023 e retirando os artigos que não abordassem o tema proposto. As buscas foram realizadas na base de dados Google Acadêmico, no LILACS, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Periódicos CAPES, e ao final chegamos a um total de 9 artigos. Após a leitura, surgiram-se três categorias, sendo elas: Vivência da equipe de enfermagem junto à criança com câncer, O uso dos métodos não farmacológicos para o alívio da dor; Sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado não farmacológicos pra o alívio da dor em crianças com câncer. Conclui-se que há um número reduzido de artigos acerca do uso das medidas não farmacológicas para o alívio da dor junto a criança com câncer. A realização de novas pesquisas abrangendo a temática, os sentimentos dos profissionais de saúde e a maneira de lidar com a dor do familiar poderá fazer com que a equipe ofereça um atendimento de excelência para aliviar a dor da criança com câncer.

Palavras-chave: Criança; Dor; Enfermagem; Oncologia pediátrica.

ABSTRACT

This work aims to describe the role of the nursing team in non-pharmacological measures used to relieve pain in children with cancer. Its objective is to: - Point out the role of the nursing team in non-pharmacological measures for pain relief in children with cancer. This is an Integrative Literature Review. To search for evidence, the inclusion and exclusion criteria were used, namely: Articles in a foreign language, abstracts, the period between 2013 and 2023 and removing articles that did not address the proposed topic. The searches were carried out in the Google Scholar database, in LILACS, in the Virtual Health Library (VHL) and in Periódicos CAPES, and in the end we reached a total of 9 articles. After reading, three categories emerged, namely: Experience of the nursing team with children with cancer, The use of non-pharmacological methods to relieve pain; Feelings of health professionals regarding non-pharmacological care for pain relief in children with cancer. It is concluded that there is a small number of articles about the use of non-pharmacological measures to relieve pain in children with cancer. Carrying out new research covering the topic, the feelings of health professionals and the way of dealing with family members' pain could enable the team to offer excellent care to alleviate the pain of children with cancer.

Keywords: Child; Pain; Nursing; Pediatric oncology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	9
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	10
3.1 Vivência da equipe de enfermagem junto à criança com câncer	12
3.2 O uso dos métodos não farmacológicos para o alívio da dor	13
3.3 Sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado não farmacológico para alívio da dor em crianças com câncer	15
4 CONCLUSÃO.....	17
5 REFERÊNCIAS.....	19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	10
----------------	----

LISTA DE SIGLAS

LILACS – Literatura Latino – Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério de Saúde

PERIÓDICOS CAPES – Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior

INCA – Instituto Nacional de Câncer

IASP – Instituto Adventista São Paulo

CPP – Cuidado Paliativo Pediátrico

OMS – Organização Mundial da Saúde

1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica acerca da atuação da equipe de enfermagem nas medidas não farmacológicas utilizadas para o alívio da dor em criança com câncer.

O interesse pela temática surgiu após aulas teóricas da disciplina de Saúde da Criança no Curso de Graduação em Enfermagem onde foi possível aprofundar os conhecimentos acerca do câncer em crianças. Daí surgiu a necessidade de conhecer as intervenções não farmacológicas utilizadas pela equipe de enfermagem no alívio da dor em crianças com câncer.

No Brasil, entre os anos de 2020 e 2022, a estimativa era que o câncer infanto-juvenil atingisse o número estimado de 8.460 crianças e adolescentes na faixa de 0 a 19 anos e a taxa de mortalidade ficava entre 2.554 mortos nesta mesma faixa etária (INCA, 2019).

Esta patologia, segundo o Instituto Nacional do Câncer (BRASIL, 2021), é o crescimento desordenado de células com capacidade de invadir tecidos e órgãos vizinhos que compreende mais de 100 tipos de doenças distintas. De acordo com a Associação internacional para o estudo da dor (IASP, 1979), a dor é uma experiência de ordem sensitiva e emocional ligada a uma lesão residual ou potencial. Já segundo Williams e Craig (2016), “é uma experiência angustiante associada a uma lesão tecidual atual ou potencial com componentes sensoriais, emocionais, cognitivos e sociais”. Em 78% dos casos a criança tem dor durante o diagnóstico, já entre 25% e 58% dos casos durante o tratamento e em até 90% na fase terminal, nos conta Paes, Silva-Rodrigues e Ávila (2021).

O câncer acomete de 1 a 4% da população brasileira entre 0 e 19 anos, tendo como principais tipos a leucemias, tumores do sistema nervoso central e linfomas (INCA, 2019). Segundo Paes, Silva-Rodrigues e Ávila (2021), o câncer só fica atrás de acidentes de carro e mortes violentas como as principais causas de morte no Brasil.

Meditação, musicoterapia, terapia de brincadeiras e dança, massagens, terapia do espelho para o tratamento da dor do membro fantasma, toque terapêutico e o Reiki, são algumas das medidas não farmacológicas que podem ser utilizadas para o alívio da dor na criança com câncer (PAES; SILVA-RODRIGUES; ÁVILA, 2021).

O cuidado paliativo para alívio da dor da criança com câncer é um desafio e um papel importante da enfermagem, exige um conhecimento amplo na particularidade de cada paciente e um equilíbrio emocional. Assim sendo papel da enfermagem resultados de trabalho em equipe, cuidado domiciliar e hospitalar, manejo da dor, dialogo e apoio familiar. O cuidado requer solidariedade compaixão, apoio e alívio do sofrimento.

Um estudo que busca realizar um levantamento bibliográfico acerca do papel da equipe de enfermagem mediante não farmacológicas para alívio da dor junto a crianças com câncer, torna-se relevante.

Poderíamos abordar nesta pesquisa o discurso da equipe interdisciplinar de saúde em relação ao alívio da dor do câncer; poderíamos ainda dar voz a enfermeiros acerca da assistência junto a crianças com câncer ou ainda analisar a percepção de docentes e discentes de enfermagem sobre a temática; entretanto, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica acerca das medidas não farmacológicas para o alívio da dor junto à criança com câncer.

Surge como questão a investigar da pesquisa:

-O que a literatura revela acerca do papel equipe de enfermagem nas intervenções não farmacológicas para o alívio da dor junto à criança com câncer?

Para responder este questionamento, traçou-se como objetivo:

-Apontar a atuação da equipe de enfermagem nas medidas não farmacológicas utilizadas para o alívio da dor junto à criança com câncer.

Espera-se com esse estudo contribuir fornecendo conhecimentos acerca das medidas não farmacológicas para o alívio da dor de pacientes com câncer, mais especificamente crianças. Despertar uma reflexão crítica entre docentes e discentes acerca da necessidade de uma assistência humanizada e qualificada junto a essa

clientela. Além de contribuir na construção de conhecimento na área da Enfermagem Oncológica e Saúde da Criança.

2 METODOLOGIA

O estudo realizado consiste em uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, exploratório, observatório e tendo a fonte de pesquisa secundária.

Yin (2016) relaciona cinco características da pesquisa qualitativa: 1. Estudar o significado das condições de vida real das pessoas; 2. Representar a opinião das pessoas ante um estudo; 3. Abranger o contexto social, cultural, econômico, relacional e etc que as pessoas vivem; 4. Contribuir com revelações sobre conceitos que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; 5. O esforço em utilizar múltiplas fontes de evidência.

Para a coleta de dados, foi realizado uma busca utilizando as seguintes palavras-chaves: Dor, Criança, Oncológica Pediátrica e Enfermagem, no Google Acadêmico, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no LILACS e no Periódico CAPES.

Foram encontradas 34 produções científicas e após a utilização dos seguintes filtros: texto completo, artigos publicados nos últimos 10 anos, e após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, sendo eles Artigos em língua estrangeira, resumos, e retirando os artigos que não abordassem o tema proposto, foram selecionados 9 artigos para avaliação. O período das publicações foi delimitado entre os anos de 2013 a 2023.

A coleta de dados teve início no mês de junho de 2023, após o período de inclusão e exclusão que teve por objetivo incluir os artigos aos quais falavam e descreviam acerca da temática abordada e excluir os artigos aos quais saíam do foco da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, pode-se observar o quadro 1, que apresenta os artigos selecionados para compor a discussão, bem como suas principais informações.

Quadro 1 – Informações sobre os artigos selecionados para compor a discussão, com informações como o título, autores, revista, objetivo e ano de publicação, Volta Redonda/RJ, 2023.

Artigo	Títulos	Autores	Revistas	Objetivos	Ano
A1	Métodos não farmacológicos para o manejo da dor em oncologia pediátrica: Evidências da literatura	Thais Victor Paes, Fernanda Machado Silva-Rodrigues, Lívia Keismanas de Ávila	Revista brasileira de oncologia.	Identificar na literatura especializada métodos não farmacológicos atuais para o manejo da dor em oncologia pediátrica,	2021
A2	Assistência de enfermagem nos cuidados pediátricos oncológicos: revisão integrativa	Vanessa Carvalho Silva, Daríamos Catarina Silva Santos, Maria Aparecida de Souza Silva, Marcella Tibúrcio Maia, Jefferson Nunes dos Santos, Ariane Silva de Jesus, Cintia Taísa Ferreira Santos, Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves.	Revista multidisciplinar e de Psicologia.	Identificar quais são as práticas e estratégias de cuidados no âmbito da assistência de enfermagem nos cuidados aos pacientes pediátrico com câncer.	2021
A3	Cuidados paliativos em oncologia: Vivência de enfermeiros ao cuidar de Crianças em Fase Final de vida.	Genaine de Fátima Alves Teixeira Fernandes Dos Santos, Débora Rodrigues Alves, Amanda Maritsa De Magalhães Oliveira, Karina Coeli Costa De Oliveira Dias, Bruna Hellen Saraiva Costa, Patrícia Serpa de Souza Batista.	Revista online de pesquisa da UERJ.	Investigar a vivência de enfermeiros ao cuidar de crianças com câncer sob cuidados paliativos.	2020
A4	Abordagens lúdicas e o enfrentamento do tratamento oncológico na infância.	Nada Caroline Bezerril Lopes, Ana Cláudia Gomes Viana, Zirleide Carlos Félix, Jancelice dos Santos Santana, Patrícia Tavares de Lima, Ana Lúcia de Medeiros Cabral.	Revista de enfermagem da UERJ.	Demonstrar como, na percepção da criança acometida por câncer, as abordagens lúdicas contribuem para que ela enfrente o tratamento.	2020

A5	Adaptação cultural do instrumento do Adolescent pediatric pain tool para crianças e adolescentes brasileiros com câncer.	Paula Saud Bortoli, Eufemia Jacob, Thaila Corrêa Castral, Cláudia Benedita dos Santos, Ananda Maria Fernandes, Lucinda Castanheira Nascimento.	Revista de enfermagem da UFSC.	Descrever as etapas realizadas no processo de adaptação cultural do instrumento de avaliação da dor Adolescent Pediatric Pain Tool para crianças e adolescentes brasileiros com câncer.	2019
A6	Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: revisão integrativa.	Ana Letícia Dias Semtchuck, Flávia Françoso Genovesi, Janaína Luiza dos Santos.	Revista Uruguia de enfermagem.	Verificar nas principais bases de dados da literatura científica quais as evidências relacionadas à criança com câncer em cuidados paliativos, tendo um enfoque maior na ação da equipe de enfermagem.	2017
A7	Percepção dos profissionais de enfermagem na assistência à crianças portadoras de câncer.	Débora Maria Bastos Pereira, Karine Bertoldi, Adriana Roese.	Revista de enfermagem da UFSM.	Analisar a vivência da equipe de enfermagem no cuidado a criança com câncer, em uma unidade pediátrica de um hospital universitário do Sul do Brasil.	2015
A8	Cuidados paliativos em crianças com câncer: revisão integrativa	Andreyana Javorski Rodrigues, Magaly Bushatsky, Waleska Delgado Viaro.	Revista de enfermagem da UFPE.	Analisar a produção de conhecimento acerca dos cuidados paliativos em crianças com câncer publicadas por enfermeiros.	2015
A9	Dimensões da vulnerabilidade para as famílias da criança com dor oncológica em ambiente hospitalar.	Maria da Graça Corso da Motta, Grassele Denardini Facin Diefenbach.	Escola Ana Nery	Identificar aspectos que demonstrem as dimensões da vulnerabilidade no universo familiar na ótica da família de crianças com dor oncológica em ambiente hospitalar.	2013

Fonte: REIS; ESPERANÇA; LEMOS; PEREIRA, 2023.

A análise dos periódicos no período delimitado permitiu a identificação de 6 artigos, sendo o maior número (4) retirado da fonte de dados BVS, (2) artigos foram encontrados na fonte Google Acadêmico, (1) na fonte de dados LILACS e (2) na fonte de dados Periódicos CAPES.

Após a leitura dos artigos, os mesmos foram sintetizados por similaridade de conteúdo, formando três categorias: Vivência da equipe de enfermagem junto à criança com câncer. O uso dos métodos não farmacológicos para o alívio da dor;

Sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado não farmacológicos pra o alívio da dor em crianças com câncer.

3.1 Vivência da equipe de enfermagem junto à criança com câncer

Dos artigos pesquisados, seis (A2, A3, A6, A7, A8 e A9) falam sobre a vivência da equipe de enfermagem junto à criança com câncer.

Entre os profissionais, a enfermagem se destaca por estar o tempo inteiro em contato direto com a criança e sua família, desenvolvendo uma visão humanística que transcende a questão física (Artigo 6) (SEMTCHUCK; GENOVESI; SANTOS, 2017).

Nesse sentido, é de fundamental importância que o enfermeiro adote uma teoria de Enfermagem para respaldar sua assistência no âmbito dos cuidados paliativos em oncologia pediátrica, como, por exemplo, a Teoria Humanística de Enfermagem. Essa teoria é considerada um diálogo vivo que abrange o encontro, no qual há a expectativa de alguém para consentir e de outro indivíduo para ser consentido; a presença, na qualidade de ser receptivo e recíproco para outro indivíduo; o relacionamento, por meio do qual um vai em direção ao outro, o que proporciona uma presença autêntica e um chamado e uma resposta, que se apresentam na forma de comunicação verbal e não verbal (FRANÇA *et al.*, 2014).

A vivência da equipe de enfermagem com o paciente pediátrico oncológico pode trazer muita dor e sofrimento aos profissionais, uma vez que os mesmos convivem diariamente com a dor, a regressão e a progressão da mesma.

A equipe de enfermagem, apesar de todos os sentimentos e emoções ligadas àqueles pequenos seres, dispõe de um cuidado técnico individualizado, de forma única a todas as crianças e suas famílias. O enfermeiro será aquele que estará presente e auxiliará diretamente ao paciente uma vez que ele passará muito tempo junto ao mesmo. Será ele que notará e auxiliará nos diferentes cenários que esta criança irá enfrentar durante o tratamento oncológico.

Ainda nesta perspectiva, destacam-se os profissionais de enfermagem, uma vez que estão presentes nos diferentes momentos do cuidado à criança, e vivenciam com maior proximidade a realidade destes pacientes e seus

familiares, em que ultrapassa os cuidados técnicos mediante a abordagem dos fatores sociais, psicológicos e espirituais (Artigo 2) (MUTTI *et al.*, 2012; CARMO; OLIVEIRA, 2015; SOUZA *et al.*, 2013).

Isso vem de encontro ao que Arrieira *et al.*, (2018) acreditam quando destacam que para valorizar a subjetividade no ato de cuidar faz-se necessário adotar estratégias como o toque terapêutico, a escuta ativa e qualificada com o objetivo de amenizar o sofrimento e proporcionar conforto e bem-estar. Desta forma, o paciente é percebido enquanto sujeito biopsicossocial e espiritual, necessitando ser assistido em sua totalidade, de modo individual, eficiente e eficaz, com estabelecimento de vínculo afetivo e de confiança.

Quanto maior a convivência, maior a empatia, carinho, afinidade, segurança, e atenção, serão esses momentos que irão construir o vínculo paciente – família – equipe de enfermagem.

Diante de toda esta exposição do enfermeiro, o mesmo precisará agir de forma profissional, uma vez que a dor do outro, principalmente a de uma criança, poderá prejudica-lo psicologicamente.

3.2 O uso dos métodos não farmacológicos para o alívio da dor

Dos artigos pesquisados, 5 (A1, A2, A3, A4 e A6) de acordo com o quadro 1, falam do uso dos métodos não farmacológicos para o alívio da dor.

O objetivo das intervenções para o controle da dor é o alívio e o controle da queixa dolorosa, a melhora da funcionalidade física, psíquica e social, traduzida pela qualidade de vida (Artigo 1) (PAES; SILVA-RODRIGUES; ÁVILA, 2021).

Cuidado Paliativo Pediátrico (CPP) é definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma assistência integral e dinâmica para cuidar do corpo, mente e espírito da criança. Além disso, fornece apoio à família, inclusive no período de luto. (TRAINOTI *et al.* 2023)

O uso não farmacológico cabe aos profissionais de enfermagem proporcionar o máximo de conforto e cuidado ao paciente. Sendo necessário traçar estratégias com

o objetivo de amenizar o sofrimento do paciente pediátrico oncológico, a melhora na condição física e psicossocial.

A comunicação reflete a interação na relação entre profissional, criança e família, visto nos estudos como um processo de cuidado por tecnologia leve, que interfere de maneira positiva à assistência prestada, uma vez que favorece maior apego, afinidade, amizade e segurança, mediante o amor, carinho e atenção (Artigo 2) (SILVA *et al.*, 2021).

Por isso, o lúdico proporciona às crianças uma maneira mais prazerosa de viver uma nova rotina, até então desconhecida para ela, e evita que a experiência de estar com câncer seja atrelada apenas a sentimentos negativos. É nessa perspectiva que se insere a necessidade da brincadeira terapêutica, que auxilia a criança a enfrentar uma doença tão complexa como o câncer (Artigo 4) (LOPES *et al.*, 2020).

Das medidas não farmacológicas que podem ser empregadas e que são de conhecimento dos enfermeiros para o tratamento da dor, destacam-se: orientações ao paciente no que se refere à posição antálgica, apoio emocional, massagem, musicoterapia, Reiki, massagem relaxante, aplicação de calor ou frio, uso de coxins, imobilizações mecânicas, dentre outras medidas podem ser implementadas pelos enfermeiros, suas equipes e familiares, contribuindo decisivamente para o alívio da dor dos pacientes internados. (JUNIOR *et al.* 2017)

Alguns exemplos de estratégias já vistas são: a importância da comunicação do profissional com o paciente e família, onde é criado um vínculo de respeito, confiança, afinidade, segurança e demais coisas que o tempo em convívio o ajuda a criar. Outro ponto são as apresentações de terapias complementares para o paciente e sua família, onde nessas terapias se trata o alívio da dor, ansiedade, medo. Essas terapias podem ser brincadeiras terapêuticas, com o ato de brincar, pintar, cantar ou dançar, fazendo com que as crianças saiam um pouco daquele ambiente de notícias e pensamentos ruins, angústias, estresse mediante a doença e passe a fazer o tratamento com atividades que podem ser do seu dia a dia, trazendo a essência de uma criança. Proporcionando uma certa distração para o paciente e essas “brincadeiras” são importantes para que não fique marcado que aquele período foi somente de seriedade e tristeza, mas podendo também ter um momento de descontração mediante os seus limites.

Entre os métodos não farmacológicos, destacaram-se as práticas manipulativas corporais como massagem; acupuntura nas crianças mais velhas; terapias energéticas como o Reiki; e terapias de base biológica como a homeopatia (Artigo 1) (PAES; SILVA-RODRIGUES; ÁVILA, 2021).

Em relação aos métodos não farmacológicos de alívio da dor, notou-se prevalência na escolha dos seguintes métodos: medidas de conforto, alterações no ambiente, massagem e calor (CHOTOLLI; LUIZE, 2015).

Outro método não farmacológico são as práticas manipulativas corporais como massagem, acupunturas em crianças maiores, terapias energéticas como o Reiki e terapias homeopatas com base biológica. Onde essas práticas traz uma sensação de relaxamento, melhora no estado geral, diminuição nos sintomas antes presentes como dor e náuseas, sensação de calma, sensação de leveza, de liberar pensamentos, bom humor, entre outros benefícios.

Nesse sentido, faz-se necessário adotar estratégias com vistas a amenizar o sofrimento. A exemplo disso, o toque terapêutico, a escuta ativa e qualificada, o olhar acurado são imprescindíveis no momento do cuidar, proporcionando medidas de conforto e bem-estar nessa fase (Artigo 3) (SANTOS *et al.*, 2020).

Os métodos não farmacológicos são uma alternativa terapêutica segura, bem tolerada e custo-afetiva (PEIXOTO, 2016).

Com isso, implementar essas terapias no tratamento da paciente pediátrico com câncer traz muitos benefícios também para obter um alívio da dor e ansiedade e é uma alternativa para a diminuição de sedação que pode interferir na capacidade do paciente interagir com a família e profissionais.

3.3 Sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado não farmacológico para alívio da dor em crianças com câncer

Dos artigos pesquisados, 5 (A2, A3, A6, A7, A8) citam sobre o sentimento dos profissionais frente a criança com câncer no alívio da dor.

Durante o cuidado realizado à criança terminal o enfermeiro se confronta com sentimentos, às vezes contraditórios, que permeiam a sua rotina profissional os quais podem influenciar a assistência prestada ao paciente e família (Artigo 8) (RODRIGUES; BUSHATSKY; VIARO, 2015).

A rotina dos profissionais da enfermagem em uma unidade oncológica é intensa e cheia de situações onde os mesmos ficam vulneráveis a sofrer estresse emocional, podendo ser causado por diversos fatores como a sobrecarga de trabalho, problemas

com a equipe, insatisfação profissional e sentimentos gerados pela assistência prestada (BESERRA; AGUIAR, 2020).

Existe em grande parte dos hospitais o despreparo dos profissionais para lidarem com essa patologia, levando os mesmos que atuam muitos anos nessa área a depressão, ansiedade e acontecendo a perda da qualidade técnica para prestar o atendimento devido, pois estão vulneráveis e adoecidos. Os profissionais entrevistados em artigos lidos citaram desde o momento de como ofertar o melhor cuidado para a criança, as vivências nas visitas domiciliares, formas de lidar com a dor, inseguranças, questionamentos dos familiares, até a dor do luto quando ocorre a perda, assim oferecendo acolhimento, escuta e o apoio.

O cuidado da criança com câncer transcende questões técnicas e rotineiras, sendo necessário que o enfermeiro desenvolva competências técnicas e científicas para sanar as particularidades de cada criança e sua família (Artigo 6) (SEMTCHUCK; GENOVESI; SANTOS, 2017).

Os cuidados paliativos específicos para criança têm como princípios a serem seguidos: prestar cuidado ativo e total à criança no contexto do seu corpo, mente e alma e oferecer suporte à família; iniciar ao diagnóstico da doença e continuar até a morte, ter uma equipe multidisciplinar que inclua a família e que avalie e alivie o sofrimento físico, psicológico e social da criança; e podem ser oferecidos na casa da criança e serem utilizados recursos da comunidade (OMS, 1998).

A enfermagem é a categoria profissional mais presente quando se trata de paciente paliativos, envolvendo um cuidado amplo, integral, complexo, com uma grande responsabilidade de oferecer conforto, segurança, alívio da dor, confiança e inclusão familiar. A assistência à criança paliativa torna-se um confronto emocional, impotência como profissional e até mesmo espiritual. Estudos comprovam que é muito importante para o paciente e os familiares o afeto dos profissionais envolvidos, principalmente da enfermagem que tanto em unidades hospitalares, como homecare está 24 horas em cuidados intensivos com o paciente, sendo citado que mesmo com diagnósticos ruins é importante levar alegria, carinho, compaixão para a criança com câncer e seus familiares.

O cuidado é percebido como ação, vínculo, presença, sentimentos e promoção do desenvolvimento pessoal e espiritual. Diante do cotidiano assistencial percebem-se as limitações para enfrentar situações de estresse

na busca da cura e no dilema da morte (Artigo 7) (PEREIRA; BERTOLDI; ROESE, 2015).

O cuidado paliativo à criança é entendido como uma abordagem de cuidado integral e ativo, que engloba elementos físico, emocional, social e espiritual, centrando-se no aumento da qualidade de vida para a criança e suporte para a família mediante controle de sintomas angustiantes, cuidado durante a morte e no luto (SILVA *et al.*, 2013).

Há em grande parte dos hospitais o despreparo dos profissionais para Estudos atuais citam a importância dos hospitais fornecerem terapias, rodas de conversas, psicólogos para profissionais que lidam diariamente com essa patologia, assim podendo oferecer uma humanização e apoio com mais equilíbrio e profissionalismo para a família e a criança e evitando o adoecimento mental e físico dos profissionais.

4 CONCLUSÃO

Os cuidados da enfermagem em relação a dor oncológica pediátrica, surgiram a partir da necessidade de aliviar a dor das crianças que passam por esse tratamento, levando em consideração os aspectos fisiológicos e psíquicos e visando o comportamento próprio desta faixa etária diante da patologia.

Apontou-se neste estudo a atuação da equipe de enfermagem nas medidas não farmacológicas utilizadas para o alívio da dor junto a criança com câncer. Foram encontrados métodos como musicoterapia, danças, massagens, toque terapêutico e, além dos cuidados, a enfermagem e a equipe multiprofissional atuam também juntamente com a família, proporcionando o ato de ouvir e ter empatia.

Notou-se nesse estudo a falta de artigo sobre o assunto, artigos antigos, assim buscando diferentes fontes de dados para alcançar o ponto necessário e explicativo sobre o tema abordado. Visando também a importância do estudo, pois a patologia é muito comum no país e em todo mundo, por não ser tão citado ocorre o despreparo profissional para lidar com a doença e é de extrema importância encontrar medidas

não farmacologia para o alívio da dor física e mental possibilitando um processo de certa forma mais leve.

Para proporcionar um melhor cuidado para a criança e sua família é necessário que mais pesquisas e estudo sejam realizados, assim abrangendo vários aspectos como as medidas não farmacológicas, sentimentos dos profissionais frente a doença e a forma de lidar com a dor da família, para a equipe prestar um atendimento de excelência frente o alívio da dor não farmacológica para a criança com câncer.

5 REFERÊNCIAS

ARRIEIRA, I. C. O. *et al.* Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 52, n. 1, p. 1-6, jan. 2018. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2017007403312>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/rRzH3886NYD5SThYX3pdLfR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 29 set. 2023.

BESERRA, J. H. G. N.; AGUIAR, R. S. Sentimentos vivenciados pela equipe de enfermagem perante o tratamento de pacientes com câncer: revisão integrativa. **REVISA**, v. 9, n. 1, p. 144-155, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.36239/revisa.v9.n1.p144a155>>. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/viewFile/485/409>>. Acesso em: 14 set. 2023.

BORTOLI, P. S. *et al.* Adaptação cultural do instrumento adolescent pediatric pain tool para crianças e adolescentes brasileiros com câncer. **Texto contexto – enferm.**, v. 28, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2016-0108>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/CDgNWV54ZStNwMCYyVxGKZy/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 17 set. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional do Câncer. **ABC do Câncer**: abordagens básicas para o controle do câncer. Rio de Janeiro: INCA, 2011. 128 p.

CARMO, S. A.; OLIVEIRA, I. C. S. Criança com Câncer em processo de morrer e sua família: enfrentamento da equipe de enfermagem. **Rev. Bras. Cancerol.**, v. 61, n. 2, p. 131- 138, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2015v61n2.300>>. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/300>>. Acesso em: 05 out. 2023.

CHOTOLLI, M. R.; LUIZE, P. B. Métodos não farmacológicos no controle da dor oncológica pediátrica: visão da equipe de enfermagem. **Rev. dor**, São Paulo, v. 16, n. 2, jan./mar. 2015. DOI: <<https://doi.org/10.5935/1806-0013.20150021>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rdor/a/CK88gyvkMyshZvZw4tvnRWs/?lang=pt#>>. Acesso em: 02 out. 2023.

FRANÇA, J. R. F. S. *et al.* VIVÊNCIA DE ENFERMEIROS NO CUIDADO À CRIANÇA EM FASE TERMINAL: ESTUDO À LUZ DA TEORIA HUMANÍSTICA DE ENFERMAGEM. **Cienc. Cuid. Saude**, v. 13, n. 3, p. 425-432, jul./set. 2014. DOI: <<http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v13i3.17139>>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/17139/pdf_212>. Acesso em: 20 set. 2023.

IASP. International Association for the Study of Pain. Pain terms: a list with definitions and notes on usage. Recommended by the IASP subcommittee on taxonomy. **Pain.**, v. 6, n. 3, p. 249-252, 1979. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/460932/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Estimativa 2020:** incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019. 120 p. Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

LOPES, N. C. B. *et al.* Abordagens lúdicas e o enfrentamento do tratamento oncológico na infância. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 28, 2020. DOI: < <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.53040>>. Disponível em: < <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/01/1146547/abordagens-ludicas-53040-pt.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2023.

MOTTA, M. G. C.; DIFENBACH, G. D. F. Dimensões da vulnerabilidade para as famílias da criança com dor oncológica em ambiente hospitalar. **Esc. Ana Nery**, v. 17, n. 3, p. 482-490, jul./set. 2013. DOI: < <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000300011>>. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ean/a/RZNXG8pLvB7tP9yTnp5GFpw/#>>. Acesso em: 28 set. 2023.

MUTTI, C. F. *et al.* Cuidado de enfermagem à criança que tem doença oncológica avançada: ser com no cotidiano assistencial. **Ciênc. cuid. saúde**, v. 11, n. 1, p. 113-120, jan./mar. 2012. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-693598>>. Acesso em: 07 set. 2023.

OLIVEIRA JUNIOR, N. J. *et al.* O papel da enfermagem no tratamento não farmacológico da dor de pacientes oncológicos. **Rev. dor**, v. 18, n. 3, jul./set. 2017. DOI: < <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20170112>>. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rdor/a/4dNWzgxQCzb7Mddy9ZM4MP/?lang=pt#>>. Acesso em: 18 out. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Princípios que norteiam o cuidado paliativo pediátrico**. 1998. p.43.

PAES, T. V.; SILVA-RODRIGUES, F. M.; ÁVILA, L. K. Métodos Não Farmacológicos para o Manejo da Dor em Oncologia Pediátrica: Evidências da Literatura. **Rev. Bras. Cancerol.**, São Paulo, v. 67, n. 2, mar. 2021. DOI: < <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2021v67n2.1027>>. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1223889>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PEIXOTO, S. D. A. **Métodos Não Farmacológicos de Controle da Dor**. 2016. 50 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/29483/1/SaraDPeixoto.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2023.

PEREIRA, D. M. B.; BERTOLDI, K.; ROESE, A. Percepções dos profissionais de enfermagem na assistência a crianças portadoras de câncer. **Rev. Enferm. UFSM**, v. 5, n. 1, p. 112-120, jan./mar. 2015. DOI: < <https://doi.org/10.5902/2179769213426>>. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/13426>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RODRIGUES, A. J.; BUSHATSKY, M.; VIARO, W. D. Cuidados Paliativos em crianças com câncer: revisão integrativa. **Rev. enferm. UFPE on line**, Recife, v. 9, n. 2, p. 718-730, fev. 2015. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1016488>>. Acesso em: set. 2023.

SANTOS, G. F. A. T. F. *et al.* Cuidados paliativos em Oncologia: vivência de enfermeiros ao cuidar de crianças em fase final da vida. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J)**, v. 12, p. 689-695, jan./dez. 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102735>>. Acesso em: 11 set. 2023.

SEMTUCHUCK, A. L. D.; GENOVESI, F. F.; SANTOS, J. L. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: revisão integrativa. **Rev. Urug. Enferm.**, Montevideu, v. 12, n. 1, p. 88-101, maio 2017. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-849212>>. Acesso em: 12 set. 2023.

SILVA, T. P. *et al.* Cuidados de enfermagem à criança com câncer: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Enferm. UFSM**, v. 31, n. 1, p. 68-78, jan./abr. 2013. DOI: <<https://doi.org/10.5902/217976926918>>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/6918>>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, V. C. *et al.* Assistência de Enfermagem nos Cuidados Pediátricos Oncológicos: Revisão Integrativa. **Rev. Mult. Psic.**, v. 15, n. 54, p. 801-812, fev. 2021. DOI: <<http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v15i54.3015>>. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/3015/4718/11991>>. Acesso em: 18 set. 2023.

SOUZA, L. F. *et al.* Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 47, n. 1, p. 30-37, fev. 2013. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342013000100004>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/bcPswW44pVJNBbPghLcbPhx/#>>. Acesso em: 11 set. 2023.

TRAINOTI, P. B. *et al.* Paliar, cuidando além da dor: uma reflexão dos profissionais de saúde na oncologia pediátrica. **Rev. Bras. Promoção da Saúde**, v. 35, n. 11, 2022, DOI: <<https://doi.org/10.5020/18061230.2022.12308>>. Disponível em: <<https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/12308>>. Acesso em: 20 out. 2023.

WILLIAMS, A. C. C.; CRAIG, K. D. Updating the definition of pain. **Pain**, v. 157, n. 11, p. 2420-2423, nov. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.1097/j.pain.0000000000000613>>. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27200490/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. 1 ed. Porto Alegre (RS): Penso, 2016. 313p.